

Teias e Mediações entre os Fandangos da Ilha dos Valadares

Patrícia Martins¹

A ilha dos Valadares se constitui como um privilegiado *lócus* de pesquisa, na medida em que nos fornece elementos para a compreensão de alguns fenômenos presentes em nossa contemporaneidade. Localizada a 400 metros do centro urbano de Paranaguá, a ilha é apresentada como o espaço privilegiado onde se condensa e se aglutina as formas de um viver caiçara².

As terras da ilha dos Valadares pertencem a União, e, até a década de 1990 a ilha só podia ser alcançada por embarcação, hoje possui uma passarela que a liga à Paranaguá. A passarela, juntamente com a intensa urbanização, provocou um impacto considerável no cotidiano dos ilhéus. A forma de se comunicar com Paranaguá foi alterada, a construção da passarela marca e modifica as formas de transitoriedade dos indivíduos. A fronteira entre ilha e continente torna-se mais fluída, o tráfego de pessoas, motos e bicicletas é constante.

Verificamos que o movimento migratório em direção à Valadares fica mais evidente a partir da década de 1950, quando a comercialização do café e da madeira movimentou o porto de Paranaguá. A população que habitava comunidades e ilhas mais distantes do centro urbano, como Guaraqueçaba, Superagui, Peças, Cotinga, procurava se aproximar do continente em busca de trabalho. Nesse sentido, a ilha dos Valadares verá crescer vertiginosamente seu núcleo de moradores, nos fornecendo elementos para pensarmos o constante processo de reorganização das representações na prática social, além de demonstrar a capacidade dos grupos de se reinventarem em novas categorias

A ilha dos Valadares estabelece uma relação de complementaridade com a cidade de Paranaguá e com os diversos núcleos de povoamento dispersos em formas de

¹ Formada em História, aluna do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFPR.

² A ilha dos Valadares possui este nome por ter sido propriedade da família "Valadares", comerciantes que mantinham na ilha um entreposto de escravos. Mais tarde, a ilha torna-se sanatório para tuberculosos.

sítios³. É através dessas fronteiras que a ilha se constitui. Por um lado, a Paranaguá “cosmopolita”, do Porto e do turismo internacional, por outro, a vida voltada para roça e para pesca nos sítios espalhados por sua baía. O que liga a ilha a cidade é a passarela sob o rio Itiberê, e por sua vez, a ligação entre a ilha e o sítio se dá através do mar. Nesse sentido, podemos apontar para o fato de que a ilha torna-se um espaço de mediação entre o sítio e a cidade.

Em materiais de divulgação coletados na cidade de Paranaguá, a ilha dos Valadares é sempre apresentada como o lugar do tradicional. No Catálogo Receptivo 2005 produzido pelo Paraná Turismo, órgão oficial do Governo do Estado, a ilha é apresentada como sendo:

“Habitada por praieiros e pescadores que se dedicam à pesca artesanal e cultuam tradições como a de ser o palco do fandango paranaense, dança típica litorânea. Na ilha, também se prepara o barreado, comida típica do litoral e pratica-se o artesanato...”

Notamos, que esta ilha apresentada aos turistas via folheto informativo, é uma ilha idealizada, não existindo de fato. Constrói-se um cenário como sendo espaço do “típico” regional, mas, que não corresponde com a realidade. Atualmente a ilha apresenta inúmeros problemas de ordem estrutural, com relação ao crescimento desordenado, falta de saneamento básico, aumento crescente da criminalidade, entre outros. Há de se ressaltar que a redefinição territorial em toda a extensão da baía de Paranaguá, se acentua pela forma de intervenção do Estado e toda sua legislação ambiental, que age no sentido de expulsar os grupos humanos que ali residem há muitas gerações. A saída para esses indivíduos se coloca com a aproximação do centro urbano mais próximo. Em nosso caso, a ilha dos Valadares representa uma forma de se aproximar da cidade, sem abandonar por completo, as vivências e práticas do sítio.

Dentre essas chamadas manifestações tradicionais existentes ainda hoje na ilha, como ecos de uma vida no sítio, está a mais valorizada delas: o fandango.

³ A idéia de sítio aqui é usada como uma categoria nativa, é a forma que os moradores da ilha utilizam para designar os seus antigos territórios. De modo geral, realizam uma espécie de divisão entre sítio/ilha/cidade.

A denominação de fandango como manifestação cultural de cunho tradicional é encontrado em várias regiões brasileiras. Segundo Câmara Cascudo:

No Brasil, fandango é o folguedo dos marujos ou marujada ou barca, em alguns estados do Norte e Nordeste. É sempre um auto popular, já tradicional na primeira década do século XIX, convergência de cantigas brasileiras e de xácaras portuguesas. A brasilidade do fandango, auto popular, é indiscutível... é um mosaico de temas organizado anonimamente no Brasil (2000:225).

O que chamamos de fandango, portanto, são várias formas de manifestações, que por si só, englobam variadas expressões musicais, dramáticas e performáticas, e como tais, só podem ser interpretadas dentro de seus específicos contextos.

O objetivo desta pesquisa, portanto, é analisar o fandango que se realiza atualmente na ilha dos Valadares em suas múltiplas dimensões e configurações. Tendo como foco suas relações com uma referência anterior, a vida no sítio, por um lado, e de outro, suas relações com uma cena de cultura popular mais ampla.

Neste caso, internamente, compreendemos que o fandango na ilha dos Valadares é representativo de toda uma sociabilidade entre determinados grupos de moradores. Por sua vez, em sua exterioridade, estabelece uma conexão direta da ilha com um contexto de negociações, e em um circuito nacional de políticas públicas voltadas à cultura popular. A utilização do termo caçara para indicar os indivíduos e comunidades do litoral dos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná, é algo recente, e têm em muitos trabalhos, influências marcantes dos chamados estudos de comunidade⁴, o caçara, de uma forma ou de outra, é sempre visto como uma variação da cultura caipira, estabilizando suas relações e contribuindo para formatar um caçara genérico.

Podemos perceber em Antonio Cândido, a cultura caipira como “modo de vida”, onde suas características devem ser tomadas em uma totalidade. Em “Parceiros do rio Bonito” (1964), Cândido analisa a cultura caipira como modo de vida próprio das populações interioranas do Estado de São Paulo, formada pela contribuição dos colonizadores

⁴ No Brasil, principalmente em São Paulo, no final da década de 40, essa “linha de pensamento”, influenciou muitos pesquisadores, entre eles Antonio Candido (Parceiros do rio Bonito, 1964) e Gioconda Mussolini (Aspectos da cultura e da vida social no litoral brasileiro, 1953) muito influenciados pela Escola de Chicago, e autores como Robert Redfield. Esses estudos privilegiam o processo de aculturação e adaptação das culturas de folk, face à sociedade moderna.

portugueses, em seu cruzamento com o elemento indígena, e marginalmente, com o negro. Cândido enfatiza a obtenção dos meios de subsistência, e as formas de solidariedade existentes nos bairros caipiras, entendido como um agrupamento territorial, mais ou menos denso, cujos limites são traçados pela participação dos moradores em trabalhos de ajuda mútua.

Queiroz (1973) também, em seus vários trabalhos, pesquisou essa população composta de sitiantes, caipiras e caiçaras, definindo-as como lavradores cuja produção é orientada para a subsistência; são em larga escala auto-suficientes e independente em relação à economia urbana; seus estabelecimentos são de tipo familiar, concentrando os chefes de família a iniciativa dos trabalhos efetuados na unidade de produção, trabalhos que não se distinguem, mas que se confundem com todas as atividades da vida cotidiana.

Descrevendo as culturas litorâneas, Mussolini (1980) irá definir a cultura caiçara como aquela onde se configuram comunidades que possuem atividades comunais, estabelecidas por laços de parentesco e com forte caráter de solidariedade. Para esta autora, a decadência econômica da região significou estagnação histórico-cultural, assim, “é como se vivessem do que sobrou de outrora, tendendo-se em geral, antes a empobrecer esses restos que a lhes acrescentar novos elementos” (1979: 223). Afirma que o modo de vida caiçara resultou num aproveitamento intensivo, quase exclusivo e mesmo abusivo dos recursos do meio, criando-se, desse modo, uma intimidade muito pronunciada entre o homem e seu habitat.

Em todos os textos consultados verificamos que há essa perspectiva de aproximação entre caipiras e caiçaras nas análises, ressaltando suas matrizes caboclas. Apesar de datadas, essas descrições são parte importante para compreendermos a maneira pela qual o homem litorâneo vêm sendo percebido: nos quadros de uma economia de subsistência, em semi-isolamento com o mundo a sua volta, e em direta harmonia com seu meio ambiente.

A partir de meados da década de 1980, a bibliografia envolvendo questões relacionadas com o modo de vida caiçara amplia-se drasticamente. Acreditamos que o

motivo principal para esse *boom* de pesquisas enfocando as culturas caiçaras, deve-se ao fato de que nesse momento estavam sendo constituídas inúmeras áreas de conservação ambiental, onde, muitas delas, previam a retirada da população local desses espaços protegidos. Assim sendo, quando há possibilidade de permanecerem em suas terras, passam a sofrer com as duras restrições dirigidas ao manejo de seu meio ambiente. A partir daí muita tinta irá ser gasta por parte dos defensores desses grupos, no sentido de caracterizá-los como sendo populações tradicionais, passando assim, a tornar-se relevante o auto-reconhecimento como caiçaras.

Nesse sentido, iremos apontar para o fato de que as construções teóricas realizadas pelas diversas pesquisas nos contextos de cultura caiçara, tornam-se parte integrante daquilo que podemos chamar de narrativas de identidade. Através delas podemos visualizar o processo de criação de algumas classificações identitárias. No caso caiçara, fica evidente o papel de algumas análises em perpetuar um estilo de vida, um modo de ser caiçara.

Na ilha dos Valadares encontramos homens do litoral, procedentes de diferentes localidades espalhadas pelo complexo insular que envolve essa região. Se há um sujeito caiçara em Valadares, este só pode ser entendido dentro dos parâmetros de uma identidade polissêmica, a qual, permite inúmeras significações. Na complexa configuração social desta ilha fica difícil afirmarmos que exista um padrão caiçara, homogêneo e estável, ao contrário, as diferenças são realçadas a todo momento, nem sempre as opiniões convergem para a mesma direção.

Para Diegues (1989: 79), “um dos critérios mais importantes para a definição de “culturas” ou “populações” tradicionais, além do modo de vida, é, sem dúvida, o reconhecer-se”. Esse auto-reconhecimento em Valadares não é nenhuma unanimidade, e muitas das vezes está acoplado a uma linguagem de reivindicações políticas. Para Manuela Carneiro da Cunha (1997), a etnicidade deve antes ser pensada como categoria nativa, “usada por agentes sociais para os quais ela é relevante”. Assim, para essa autora, a etnicidade é uma forma de protesto político e reivindicação cultural.

Neste contexto de reivindicação cultural, o fandango age como um capital simbólico para os agentes que se auto-reconhecem como caiçaras. Através dessa manifestação, e de toda “aura de autenticidade” que ela denota, mediações e negociações são estabelecidas entre a ilha e um contexto mais global de atuação política⁵.

Mas, para além desse fandango enquanto capital simbólico, temos o fandango do cotidiano da ilha. Aquele fandango tocado e dançado nos bailes de finais-de-semana, nas mesas de bares, nas calçadas, e também, no ambiente doméstico. Para aqueles que trouxeram em sua bagagem cultural (quando deixaram para trás a vida no sítio) juntamente com alguns de seus pertences, a viola e o tamanco, o fandango significa o momento de aproximações e reencontros, lembranças e histórias de um passado que não lhes sai da memória.

É comum nas histórias de vida desses moradores, perceber como que a partir da fixação de um dos membros da família em Valadares, irá propiciar na seqüência, a saída do restante dos membros. Havendo casos, em que alguns desses sítios sofrem um total esvaziamento. Em seu estudo sobre sertão e bairro rural, Lia Fukui (1979) propõe-se a “descrever a estrutura e a dinâmica do grupo familiar na camada de sitiantes tradicionais”, apontando para o fato de que:

“...o parentesco de sangue e por aliança determina obrigações recíprocas, tais reciprocidades podem cobrir uma região extensa, garantindo às famílias um apoio fora do próprio bairro em que habitam, facilitando os deslocamentos e migrações. Saindo de seus bairros, não se encontravam, pois, indivíduos e famílias perdidos num espaço indeterminado e infinito; achavam-se num espaço conhecido e balizado pela existência de parentes” (Fukui, 1979: 18).

Seu Gerônimo, 61 anos, violeiro e batedor de fandango, morador de Valadares há mais de 30 anos, nasceu em Borrachudo, Guaraqueçaba, filho mais velho de D. Antônia, lembra que foi o primeiro dos 5 filhos a deixar para trás Borrachudo, até estabelecer residência na ilha dos Valadares. Após sua chegada, aos poucos seus irmãos seguiram seus passos, até que D. Antônia e seu marido a contragosto e já velhos para o serviço do

⁵ Podemos apontar como contexto mais global, a inserção de determinados atores em cargos políticos, viagens para apresentação de fandangos, parcerias com diversas instituições para investimentos nessa manifestação, etc.

sítio também mudam-se para a ilha. Segundo D. Antônia nunca se acostumaram totalmente com a cidade, assim como, Seu Gerônimo também assume que foi difícil se estabelecer fora de Borrachudo⁶.

Dessa forma, propomos analisar essas diferentes expressões que compõem o fandango da ilha dos Valadares, em suas dimensões com o grupo interno, e as implicações, e circunstâncias que envolvem o fandango atualmente fora da ilha, em seu exterior. Nesse momento, pensamos tanto suas relações com o ambiente do sítio, como também em relação aos centros urbanos, *lócus* onde está ocorrendo um interesse renovado por assuntos de cultura popular.

Até este momento pudemos compreender o caráter liminar que a ilha dos Valadares ocupa para os seus moradores. A ilha possui capacidade de incorporar os elementos rurais e urbanos, em Valadares estes termos não são possíveis de serem pensados como oposições dicotômicas e irreconciliáveis.

Devemos reconhecer o papel das etnografias na constituição dos grupos étnicos. A partir de pesquisas, não só as antropológicas, fronteiras culturais são construídas e identidades locais são reificadas. Em nosso caso, muito mais que legitimar uma dita cultura caiçara, pretendemos desvendar as narrativas identitárias formuladas na ilha dos Valadares, e, sua conseqüente eficácia simbólica. Os sinais diacríticos a serem realçados em Valadares, como forma de ressaltar sua caiçaridade, não são, dessa forma, tão aleatórios como possa parecer. Assim, acreditamos na capacidade que determinados atores sociais, em certos contextos, possuem de manipular politicamente suas identidades.

⁶ Seu Gerônimo após ter transitado por algumas localidades da baía como Eufrasina, preferiu estabelecer-se na ilha dos Valadadres, por estar mais próxima do centro urbano da região. Em teoria poderia proporcionar novas oportunidades de trabalho e melhores condições de vida.

